

O *EDUCATRON* E A PLATAFORMIZAÇÃO DO ENSINO NO PARANÁ: ANÁLISE E PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA¹

Gabriela Yuri Araujo Oyama²

Gabriela Neri dos Santos³

Luiz Fernando de Oliveira Rosseto⁴

Ailton José Morelli⁵

Sergio Alvarez da Silva⁶

RESUMO

Este artigo tem como propósito relatar, analisar e problematizar o processo de Plataformização do ensino, juntamente com a ferramenta chamada *Educatron*, utilizada nas escolas públicas do Estado do Paraná. Para tal, utilizamos levantamento bibliográfico assim como a pesquisa qualitativa em forma de entrevistas com professores, armazenadas de forma anônima, do Colégio de Aplicação Pedagógica da cidade de Maringá-PR, do ensino Fundamental I, II e ensino médio, escola da qual acompanhamos por meio do PIBID. Como resultados, percebemos um padrão nos relatos: apesar de considerarem benéfico a utilização de tecnologia em sala de aula, criticam a centralização do ensino em torno da mesma, assim como a perda de sua autonomia e a vigilância constante como consequência da imposição do uso do *Educatron*.

Palavras-chave: Docência, PIBID, Plataformização do ensino, *Educatron*.

INTRODUÇÃO

Em um primeiro momento, iremos fazer uma breve discussão sobre o uso de ferramentas eletrônicas nas salas de aula, percorrendo posteriormente pela análise da Plataformização do ensino que vem ocorrendo no Paraná juntamente com o *Educatron*, terminando com a análise de entrevistas realizadas com professores do ensino público, mais especificamente do Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP) localizado na cidade de Maringá-PR.

Ademais, utilizamos a metodologia da pesquisa qualitativa para entrevistar professores do CAP, escola na qual estamos vivenciando o período de formação inicial pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A entrevista foi realizada no próprio colégio, pelo Google Forms e pelo Google Meet, com professores que aceitaram participar – assinando o termo de consentimento –, totalizando o número de 15 entrevistados;

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

² Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra124112@uem.br;

³ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra126117@uem.br;

⁴ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra123714@uem.br;

⁵ Professor orientador: professor adjunto, Universidade Estadual de Maringá - UEM, ajmorelli@uem.br.

⁶ Professor orientador: professor supervisor PIBID, CAP - UEM, ssergio@escola.pr.gov.br.

objetivamos, com esse encontro, nos inteirar sobre a visão e experiência dos professores com o *Educatron* nos diversos níveis de ensino: Fundamental I e II, e Ensino Médio; de modo a entender, interpretar e compreender o que se passa dentro das escolas públicas quando o assunto é a digitalização e Plataformização da educação. Ao analisarmos os dados, observamos que há um certo padrão: enquanto professores dos anos iniciais consideram a ferramenta boa como auxílio no ensino-aprendizagem, e não se sentem afetados negativamente por ela, docentes dos outros dois níveis julgam o *Educatron* como um bom recurso para aperfeiçoar o ensino na sala de aula, todavia, mostram-se incomodados com a obrigação de seguir o desenvolvimento exigido pela Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná (SEED-PR).

Nosso propósito ao realizar esta pesquisa é analisar e problematizar como a educação, gerenciada pelo Estado, está sendo afetada pela tecnologia. Sendo assim, nosso estudo não objetiva esgotar as discussões sobre a temática, mas sim realizar uma análise inicial. Esperamos que, com esse artigo, possamos, de algum modo, cooperar para a fomentação de pesquisas ligadas a esta temática.

Não há como negar o grande avanço da tecnologia no contexto atual, que vem ganhando cada vez mais espaço por meio da conexão de pessoas e conhecimento de forma instantânea e global. À vista disso, é impensável a ideia de que ela não estaria presente nas escolas, e, principalmente, na sala de aula. Em relação ao processo de ensino aprendizagem, Silva, Prates e Ribeiro (2016, p. 107) destacam que:

Se dão na interação do aluno com o meio, onde estão inseridos o professor e os recursos. Para que o mesmo aconteça e se efetive na vida do educando de forma significativa, a inclusão de novos recursos nesse processo propiciará novas formas de aprender e ensinar, de forma a ampliar a mediação pedagógica entre professor e aluno.

Mas, ao utilizar a tecnologia na sala de aula, deve-se ter a consciência de que ela serve apenas como apoio, um meio para atingir o processo de ensino aprendizagem, ou seja, que a “constituição do aluno se dê num contexto sóciohistórico-cultural” (Fey, 2011, p. 5). Dessa forma, as figuras centrais no processo de aprendizagem são o professor e o alunos, e não as ferramentas eletrônicas, pois:

Não é função do/a professor/a, hoje a simples transmissão de conhecimento, uma vez que agora ela pode ser realizada por meios eletrônicos. Assim fica ainda mais evidente que o papel do/a professor/a, continua sendo o de incentivar a aprendizagem e o pensamento, de ser um/a mediador/a do processo de aprender, o de ser responsável pelo sucesso do aluno/a (Ens, 2002, p. 41).

Dessa maneira, não basta apenas incluir ferramentas eletrônicas na escola, é preciso repensar o projeto pedagógico do colégio, refletindo sobre a sua finalidade, seu papel social e quais ações devem ser desempenhadas pela equipe escolar frente à tecnologia (Ens, 2002).

Ademais, é importante destacar os malefícios da exposição prolongada de telas à crianças e adolescentes, fomentada pela digitalização do ensino que vem ocorrendo no Estado. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) alerta sobre os prejuízos à saúde, entre eles: dificuldade para dormir e manter uma boa qualidade de sono; aumento da sonolência diurna, e a diminuição do rendimento escolar, associado a problemas de memória e concentração durante o aprendizado. Nosso objetivo ao problematizar esta questão não é repudiar o uso da tecnologia, que pode ser um grande auxílio para obter a atenção dos alunos e tornar as aulas mais dinâmicas, mas sim propor uma reflexão sobre o projeto do Estado do Paraná em tornar o ensino digitalizado, e quais as consequências desse processo no desenvolvimento da criança e do adolescente.

Adentrando no nosso tema, em primeira instância, é importante ressaltar o conceito de plataformização. Assim, ela é definida como:

infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados. (Poell, Nieborg, Dijck; 2020, p. 4)

O termo é um modelo de negócios baseado em plataformas digitais, onde há uma circulação de dados, monetização, interação e processamento de algoritmos. E nestas plataformas ocorre a dataficação, ou seja, tudo é revertido em dados, os quais são transformados em novos produtos e serviços como forma de melhorar aqueles que já usamos. (Afonso, 2021). Além disso, com o processamento de algoritmos, as plataformas conseguem interagir conosco a partir daquilo que gostamos e sempre disponibilizam o que queremos ver ou comprar.

A plataformização implica possibilidades de empresas utilizarem toda e qualquer interação humana transformando-as em dados, induzindo a novos modos de vigilância. Pela dataficação, os dados são recolhidos com o uso de uma ampla gama de tecnologias de rastreamento, detecção e análise.

Ou seja, através da dataficação, qualquer informação sobre o campo educacional - seja sobre a atuação do professor ou relativo ao desempenho dos estudantes -, é transformada em dados digitais passíveis de análise. Assim, Afonso (2021) considera que esta plataformização cada vez mais crescente afeta o trabalho do professor, principalmente em sua autonomia.

Além disso, apesar de possibilitar a análise de alguns aspectos escolares, outros são deixados de lado, “sobretudo quando obscurecem as vozes e experiências dos professores e dos alunos”

Outrossim, o maior impacto da Plataformização do ensino veio paralelamente com a pandemia do COVID-19, no começo de 2020. Foram criados meios para que as aulas pudessem continuar mesmo que de forma remota, e assim, dar continuidade no calendário acadêmico. Durante esse período, as plataformas usadas foram de suma importância para que o aluno pudesse manter contato com o seu professor e assistir aulas adequadamente. Todavia, com o fim da pandemia a tecnologia adentrou mais ainda as escolas e as salas de aula. Ademais, tanto em sala quanto no período da pandemia, muitos profissionais da educação tiveram dificuldades em aprender a como utilizar esses meios, já que era uma “novidade” em suas vidas.

Não podemos negar que a tecnologia facilita o processo, ou seja, tudo o que precisamos saber está ali, não precisamos ter o esforço da pesquisa, da leitura de grandes livros, das visitas em bibliotecas ou da produção de novos materiais; está tudo pronto para ser lido rapidamente e com as informações básicas que precisamos ter. Em outras palavras, o aluno é afetado por receber uma educação pobre em conteúdos, sem um aprofundamento necessário para a formação de sua consciência crítica.

Ademais, outra problemática que pode ser observada é o controle sobre o trabalho docente exercido a partir da Plataformização da educação, esta sendo o maior instrumento do neotecnicismo:

Esta é a nova face do tecnicismo, que agora se prepara para apresentar-se como “plataformas de aprendizagem online” e “personalizadas”, com tecnologias adaptativas e “avaliação embarcada”, em um processo que expropria o trabalho vivo do magistério e o transpõe como trabalho morto no interior de manuais impressos e/ou plataformas de aprendizagem (Freitas, 2018, p. 105 *apud* De Mello; Santos; Pereira, 2022, p. 904)

Além disso, a função do professor se torna ser apenas um mediador, ou seja, o intermediário entre o conteúdo pronto e o aluno, transformando-se em um mero coadjuvante no processo de ensino aprendizagem.

O maior exemplo de Plataformização do ensino é o *Educatron*, este é um recurso implementado pelo Governo do Paraná, sendo composto por um aparelho de televisão de tela plana acoplado a um computador e uma webcam, com conexão à internet via wi-fi. A intenção do aparelho é facilitar o trabalho do professor e substituir os antigos televisores laranja que já existiam em sala, entretanto de uma forma “menos tecnológica”. Ademais,

segundo Leandro Humberto Pereira Beguoci, chefe do Núcleo de Comunicação da SEED, o *Educatron* é uma “janela aberta para o mundo” (Calsavara, 2022).

Apesar de chamarem de “sugestão”, os profissionais de ensino, incluindo tanto professor quanto pedagogo e diretor, se vêem pressionados a utilizarem a ferramenta. Uma das atribuições do *Educatron* é formular o planejamento de aula que deve ser dada, além de ser disponibilizado slides feitos pela própria SEED. Mais ainda, caso o professor decida trazer conteúdos fora do programa, é preciso justificar o porquê.

Assim, a Plataformização expropria o conhecimento do docente e corrói a autonomia das escolas. Afetando diretamente a educação, a tecnologia que deveria alimentar os meios de ensino acaba disseminando uma educação composta por inúmeras falhas, sendo algumas comentadas na sessão que analisamos as entrevistas feitas.

METODOLOGIA

A partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema, analisando termos e conceitos como *Educatron*, Plataformização da educação e processo de ensino-aprendizagem, foram elaboradas algumas questões, de modo a realizar uma pesquisa qualitativa, a qual consiste em analisar o conteúdo das respostas e a experiência vivida pelos entrevistados, para serem respondidas por professores do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá (CAP-UEM). 12 professores e 3 pedagogos concederam entrevistas, após assinarem termo de consentimento, que foram gravadas e armazenadas de maneira anônima, e responderam às seguintes perguntas:

1. O que vocês acham do *Educatron*?
2. Você se sente confortável utilizando o *Educatron*?
3. O uso do *Educatron* é obrigatório para atividades como o RCO. Quais são os recursos opcionais que ele dispõe? Você os utiliza?
4. Qual a relação do *Educatron* com a autonomia do professor em sala de aula?
5. O uso de tecnologias em sala de aula, envolvendo ou não o *Educatron*, auxilia no processo de ensino-aprendizagem?
6. Você acredita que a Plataformização da educação afeta no contato professor-aluno?

Tais questionamentos objetivavam obter informações sobre a opinião de professores, de diferentes níveis da educação básica, sobre o *Educatron*, a Plataformização da educação e o uso de tecnologias em sala de aula. Os dados coletados foram analisados, interpretados e

divididos entre professores do Ensino Fundamental I e professores do Ensino Fundamental II e Médio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização de entrevistas com professores e pedagogos da rede pública de ensino, membros do corpo docente do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá (CAP-UEM), colégio no qual os autores deste trabalho realizam atividades referentes ao Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência (PIBID), e suas respectivas análises, foi possível notar uma clara distinção entre os professores do Ensino fundamental I e os professores do Ensino Fundamental II e Médio. Respeitando a privacidade e o anonimato dos entrevistados, iremos citá-los utilizando letras alfabéticas: professor A, professor B e assim por diante.

A princípio, o grupo de professores do Ensino Fundamental I apresenta certa coesão entre suas respostas, apontando o *Educatron* como uma ótima ferramenta para o uso de recursos digitais em sala de aula, visto que é possível o uso para atividades mais lúdicas, envolvendo vídeos, imagens e músicas, que são favoráveis para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Outro ponto favorável observado é a não imposição do uso do *Educatron* e das Plataformas aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, como acontece nos Ensinos Fundamental II e Médio - que será abordado em breve -, sendo um recurso que é favorável quando utilizado em associação à autonomia docente. Entretanto, vemos uma divergência entre os Professores H e I em relação ao uso cada vez maior de tecnologias em sala de aula: o primeiro acredita que há muita tecnologia no convívio diário das crianças, assim, prefere o contato físico e manual no aprendizado escolar; já o segundo aponta que, como a tecnologia já é de uso diário, ela deve ter continuidade no plano escolar, sendo um atrativo para o ensino.

No grupo de Pedagogos entrevistados, enxergamos algumas posições semelhantes, de modo que vêem o *Educatron* e o uso de tecnologias em sala de aula como auxiliares no processo de ensino-aprendizagem, mas a obrigatoriedade não é benéfica. O Pedagogo B utiliza o termo *angústia* para descrever a sensação dos professores em sala de aula para resolver problemas técnicos, que são inevitáveis (má conexão de internet, problemas técnicos, falta de instrução sobre as tecnologias utilizadas), e para registrar e justificar suas ações nas plataformas governamentais de ensino a todo momento. Relacionado a isso, pode-se citar a plataforma Power BI:

“O Power BI é uma ferramenta de avaliação e visualização de dados desenvolvida pela Microsoft. Com ela, dados são transformados em informação. Com o Power BI é possível gerar relatórios e *dashboards* que mostram números, estatísticas, valores, listas e gráficos de maneira simples e intuitiva. Isso porque a ferramenta tem o propósito de facilitar a visualização de dados e promover um maior envolvimento do espectador em relação à maneira como essas informações são apresentadas.” (POWER BI..., 2023)

Tal ferramenta é utilizada para obter dados sobre a utilização das plataformas por parte dos professores, em outras palavras, mede o “desempenho” do professor em sala de aula: quais recursos e plataformas utilizou, quais conteúdos foram lecionados. Isso assemelha-se muito ao desempenho empresarial, visando sempre a maior produtividade e produção, mas raramente leva em consideração a qualidade, cenário este que é a representação na educação da sociedade capitalista neoliberal onde vivemos.

“Nas sociedades em que vivemos, a esfera econômica é *dominante*: ela impõe às outras esferas grande parte do ritmo e da forma de mudança, dá sua própria substância às políticas, dita suas exigências às instituições e instila em todos os indivíduos sua lógica de acumulação.” (Laval, 2019)

Esses elementos, sugerem uma volta (se é que um dia a deixamos totalmente) da Educação Tecnicista, a qual reduz as subjetividades e suas interferências de modo que reste apenas o sistema racional e organizado de formação do aluno para o mercado de trabalho da forma mais eficiente possível, sem preocupar-se com a qualidade de sua formação crítica, política e cultural, mas apenas com a produtividade do indivíduo. (Saviani, 2012)

Dentre os professores dos Ensinos Fundamental II e Médio, observa-se clara distinção com os professores que atuam apenas no Ensino Fundamental I, além de um posicionamento mais crítico à imposição das plataformas de ensino e do *Educatron* em seu trabalho. É consenso entre os três grupos que o uso de tecnologias constantemente para todas as funções é algo desgastante tanto para o professor quanto para o aluno, inclusive alguns tendo apontado o prejuízo no desenvolvimento, algo que já é comprovado e advertido pela Sociedade Brasileira de Pediatria, como foi relatado anteriormente.

Todavia, os professores do Ensino Fundamental II e Médio apontam que a Plataformização atingiu todas as disciplinas e todas as áreas de seu trabalho: o Livro de Registro de Classe Online (LRCO), onde é realizada a chamada, o registro de notas e do planejamento, os Quizzes e Tarefas disponibilizados após as aulas, os Slides prontos desenvolvidos pela SEED, os Planejamentos de conteúdos que devem ser lecionados e as plataformas Leia Paraná e Redação Paraná. Alguns são apontados como positivos, mas com ressalvas devido a seu funcionamento, outros como negativos, deste modo pretende-se

explicitar aqui cada um desses elementos visando explorar as opiniões docentes sobre tais programas.

O uso do LRCO para a realização da chamada online é elogiado pela maioria dos professores, pois facilita a atividade, em substituição aos antigos livros de chamada. Contudo, recentemente foi instalado o programa de realização da chamada por reconhecimento facial dos alunos, por meio de uma câmera, entretanto o aparelho não funciona com a devida eficiência, restando ao professor o trabalho de tirar fotos dos alunos em seus aparelhos particulares. Essa situação foi criticada por alguns professores que levantaram a questão da segurança, visto que são menores de idade sendo fotografados, e suas imagens armazenadas em dispositivos dos quais não se sabe ao certo o destino que podem tomar. Deste modo, o Professor A aponta: “Se o Estado disponibilizou equipamentos para a escola, devem funcionar bem. Se o professor utiliza seus próprios recursos, algo que o Estado deveria resolver, você não expõe as fragilidades do sistema”.

Quanto ao Planejamento disponibilizado pela SEED, os professores o apontam como engessado, pois ele não permite ao professor a adaptação às suas próprias necessidades nem às necessidades dos alunos sem que haja justificativa para tal, o que leva tempo e burocracia, além do sentimento de vigilância constante, relatado tanto por professores quanto por pedagogos, por estarem sempre acompanhados pelo Núcleo de Educação e pela SEED e serem cobrados pelos membros da Direção, os quais são orientados a garantir o uso das plataformas e do *Educatron* por parte dos professores. Já os slides produzidos pela SEED são indicados como superficiais e incompletos, com relatos do Professor C, inclusive, de erros no conteúdo. Sendo assim, os Professores A e C preferem produzir seu próprio material para utilizar durante as aulas. O Professor B diz gostar dos slides e os vê como um bom material de apoio, mas ainda assim aponta e critica a superficialidade de tais.

As plataformas Leia Paraná e Redação Paraná, utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa, seriam vistas como boas iniciativas pelos docentes, desde que funcionassem com a devida eficiência. Segundo a Secretária Estadual de Educação do Estado do Paraná (2023), o Redação Paraná é uma plataforma

[...] de produção textual que trabalha de forma integrada com o professor. A inteligência artificial corrige a estrutura da língua e o professor fica responsável por corrigir a parte discursiva e subjetiva da redação elaborada pelo aluno. Ela ajuda estudantes ao longo de todo o ano letivo a melhorar a redação visando as provas do Enem, vestibulares e as lições de casa.

Já a plataforma Leia Paraná tem como objetivos “fomentar o gosto pela leitura, desenvolver competências leitoras, fortalecer o hábito de ler nas diferentes áreas do

conhecimento e contribuir para o desenvolvimento da cultura digital.” (Plataformas educacionais, s.d.)

Ambas as plataformas carregam Livros, Gêneros Literários e Propostas de Redação já pré-estabelecidos pela SEED e que devem ser trabalhados; entretanto um dos problemas relatados pelos Professores B e D é a falta de sincronização de livros ou gêneros de redação, que ocorre frequentemente, com os que constam nos programas dos vestibulares locais, demonstrando uma clara falta de comunicação entre a SEED e a Comissão de Vestibular Unificado da Universidade Estadual de Maringá (CVU-UEM)⁷, os quais acabam tendo de ser trabalhados por fora em aulas extras ou serem alterados para que o professor possa aplicar dentro do planejamento, todavia, devem ser realizadas justificativas burocráticas para tais ações. O Professor B chama esse ato de Autonomia Justificada, que pode ser exemplificada pela fala do Professor D: “Autonomia é quando eu planejo e me organizo para trabalhar determinados conteúdos relacionados ao PAS⁸, ao Vestibular, ou àquilo que planejei trabalhar naquele trimestre. Quando eu tenho tudo pronto, eu não tenho autonomia.”, visto que autonomia é caracterizada pela liberdade de planejamento. Mas se há conteúdos pré-estabelecidos que devem ser utilizados e a justificativa deve ser feita caso saia do programa, de que forma essa autonomia é presente? Podemos citar um caso exposto pelo Professor B, onde o mesmo relata uma experiência na qual gostaria de trabalhar uma autora que participaria da Feira Literária Internacional de Maringá (FLIM) - um evento local ocorrido em outubro de 2023 -, mas teve de enfrentar certa burocracia para encaixar tal atividade no planejamento e precisou justificar o porquê estaria realizando tal ação no lugar do programa padrão.

No caso da Plataforma Redação Paraná, o Professor D relata problemas na correção de textos, principalmente ligados a erros ortográficos. Ademais, alguns alunos não possuem conexão de internet em suas casas para refazer a redação, o que limita seu tempo ao período de aula, que não é suficiente para aprender com qualidade.

As questões recém tratadas fazem os professores questionarem a disparidade cada vez maior entre alunos de escolas públicas e privadas, estes os quais estudam especificamente para o vestibular e o ingresso no ensino superior, enquanto as chances dos alunos de escolas públicas diminuem por não terem a mesma preparação, causada pela falta de autonomia do

⁷ O exemplo citado utiliza a experiência local dos professores do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá com a Comissão de Vestibular Unificado (CVU), de modo que a experiência em outras universidades estaduais do Paraná pode apresentar semelhanças e diferenças.

⁸ Processo de Avaliação Seriada da Universidade Estadual de Maringá, que consiste em uma avaliação dividida em 3 etapas, uma em cada ano do Ensino Médio, e funciona como forma de ingresso à Universidade.

professor para promover a personalização do ensino de acordo com o local onde vive e as necessidades particulares de seus alunos.

Em relação à personalização do ensino, o próprio Secretário da Educação e do Esporte do Estado do Paraná, afirmou em outros momentos que

“As aulas não são tudo, mas são o principal. Para se ter uma aula excelente, alguns coeficientes contribuem, como acolhimento, carinho, atenção, atendimento aos pais, ouvidoria, alimentação, dentre outros fatores’, [...] [e] ressaltou o fato de os alunos não aprenderem de maneira igual e possuírem habilidades distintas. Logo, para fazer uma aula interessante para todos, é preciso encontrar o equilíbrio entre estrutura e flexibilidade pedagógica por meio de metodologias ativas.” (Secretário Renato Feder, 2022)

Todavia, ao analisar as entrevistas realizadas, observamos uma certa divergência entre a fala do secretário e a experiência do dia a dia vivenciada pelos professores. A Plataformização do ensino realizada pelo Governo do Paraná determina os planejamentos didáticos dos professores, o que deve ser trabalhado em aula, quando deve ser trabalhado, além de não haver diálogo com as instâncias locais de educação, como a CVU, para melhorar a qualidade do ensino e direcioná-lo para objetivos locais. Além disso, os Professores B e D relataram que o processo de Plataformização distanciou a relação entre professor e aluno ao tornar a educação majoritariamente digitalizada, em contrapartida com o que o secretário defende em sua fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se um objeto de pesquisa novo e com poucas produções acadêmicas sobre tal assunto, o *Educatron* relacionado à Plataformização do ensino são temáticas que ainda merecem ser melhor exploradas. Entretanto, no artigo aqui desenvolvido, o intuito é, principalmente, levar em consideração o ponto de vista daqueles que foram e ainda são um dos mais afetados pelas mudanças impostas pelo governo, e em como estas alterações influenciam sua atuação em sala de aula. Além disso, não objetivamos esgotar as análises sobre o tema, e sim compreender um panorama geral do quadro.

Recorrendo novamente às entrevistas, pelo menos dois professores citaram o caso suco de digitalização da Educação, a qual “voltou atrás e decidiu investir, ao longo de 2023, 45 milhões de euros (cerca de R\$242 milhões) na distribuição de livros didáticos impressos.” (Tenente, 2023). Deve-se questionar, então, o porquê um país consideravelmente avançado está renunciando ao uso da tecnologia como principal instrumento escolar, e o Estado do Paraná indo na contramão, considerando a comprovação de seus malefícios para com a

educação e o desenvolvimento próprio do aluno. Ademais, após cerca de 30 anos experienciando a educação digitalizada, a pedagoga sueca Inger Enkvist conclui que:

"Os alunos têm atualmente menos capacidade de concentração. Dedicam menos esforço para escrever bem, porque programas de ortografia automática fazem a escrita parecer mais fácil do que é. O principal problema é que o computador também é uma distração" (Enkvist *apud* Tenente, 2023)

Isso demonstra, novamente, a importância do desenvolvimento de estudos sobre tal tema no Estado do Paraná, de modo a indagar e analisar a escolha de continuar investindo na digitalização total da educação, tendo em vista as desvantagens expostas pelo país europeu. Todavia, esta discussão não se trata de uma verdade incontestável; ao contrário, os debates e as contestações se fazem necessários na área da educação, assim como qualquer outra.

Importante salientar que o presente trabalho não considera que não deve-se fazer uso da informática, internet ou outros recursos tecnológicos em sala de aula. Assim como a bibliografia analisada e os professores entrevistados, julgamos ser necessário e benéfico a introdução de ferramentas tecnológicas em sala de aula, todavia, consideramos que estas não devem ser o principal - e em alguns casos o único - instrumento utilizado no processo de ensino.

REFERÊNCIAS

AFONSO Almerindo Janela. Novos Caminhos para a Sociologia: Tecnologias Em Educação e Accountability Digital. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 42, e250099, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/CsLPjh5kQQGHbZYLKybK87r/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2023.

BALSAMO DE MELLO, M.; CERQUEIRA DE FREITAS SANTOS, C.; DA SILVA PEREIRA, R. A outra face da era digital: Nova Gestão Pública e controle do trabalho docente. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 16, n. 36, p. 899–916, 2022. DOI: 10.22420/rde.v16i36.1642. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1642>. Acesso em: 6 out. 2023.

CALSAVARA, F. M. **O que são os Educatrons, a nova aposta da Seed para levar tecnologia às escolas.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/o-que-sao-os-educatrons-a-nova-aposta-da-seed-para-levar-tecnologia-as-escolas/>. Acesso em: 6 out. 2023.

Colégios estaduais recebem 25 mil kits Educatron, com TVs e computadores. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Colégios-estaduais-recebem-25-mil-kits-Educatron-com-TVs-e-computadores>. Acesso em: 6 out. 2023.

ENS, R. T. Relação professor, aluno, tecnologia: um espaço para o saber, o saber fazer, o saber conviver e o saber ser. **Colabor@**, **Revista Digital da CVA**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 37-45, 2002.

FEY, Ademar Felipe. A linguagem na interação professor-aluno na era digital: considerações teóricas. In: **Revista Tecnologias na Educação**, ano 3, n.1, jul. 2011.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006

LAVAL, CHRISTIAN. **A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEHER, R. . MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO, PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E O SENTIDO HISTÓRICO DA PANDEMIA COVID 19. **Revista de Políticas Públicas**, [S. l.], v. 26, n. Especial, p. 78–102, 2022..Disponível em:<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/20262>. Acesso em: 6 out. 2023.

Paraná. Secretaria Estadual de Educação. **Alunos da rede estadual publicam livros escritos com o apoio da plataforma Redação Paraná**. Curitiba, 2023. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Alunos-da-rede-estadual-publicam-livros-escritos-com-o-apoio-da-plataforma-Redacao-Parana>. Acesso em: 06 out, 2023.

Plataformas Educacionais - Leia Paraná. Disponível em: <https://professor.escoladigital.pr.gov.br/plataformas_educacionais/leia_parana>. Acesso em: 6 out. 2023.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, 2020. Disponível em:<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>

Por que a Suécia desistiu da educação 100% digital e gastará milhões de euros para voltar aos livros impressos? Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/07/por-que-a-suecia-desistiu-da-educacao-100percent-digital-e-gastara-milhoes-de-euros-para-voltar-aos-livros-impressos.ghtml>>. Acesso em: 6 out. 2023.

POWER BI: o que é, para o que é usado e como funciona?. **EBAC**, 2023. Disponível em: <https://ebaonline.com.br/blog/o-que-e-power-bi#:~:text=O%20Power%20BI%20%C3%A9%20uma%20ferramenta%20de%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20e%20visualiza%C3%A7%C3%A3o,de%20maneira%20simples%20e%20intuitiva>. Acesso em: 6 out. 2023.

SAVIANI, Demerval. As teorias da educação e o problema da marginalidade. In: **ESCOLA e Democracia**. [S. l.: s. n.], 2012. cap. 1.

SECRETÁRIO RENATO FEDER FALA DAS METAS E OBJETIVOS DA SEED PARA 2022. CEE/PR, 2022. Disponível em: <https://www.cee.pr.gov.br/Noticia/Secretario-Renato-Feder-fala-das-metas-e-objetivos-da-SEED-para-2022>. Acesso em: 6 out. 2023.

SILVA, I. et al. As Novas Tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala de aula. **Revista Em Debate (UFSC)**, v. 16, p. 107–123, 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021)**.2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient - MenosTelas MaisSaude.pdf. Acessado em: 31 de agosto de 2023.

